



## **Vivenciando a transamazônica: Experiência do estágio de vivência na transamazônica- Pará**

*Experiencing the transamazônica: Experience of the stage of experience in the transamazônica- Pará*

SANTOS, Gabriel Garreto dos<sup>1</sup>; PAIVA, Antonio Carlos Marinho<sup>2</sup>; FREITAS, Tatiana Pará Monteiro de<sup>3</sup>; COELHO, Roberta de Fátima Rodrigues<sup>4</sup>.

<sup>1</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará -Campus Castanhal, gabryelgarreto@gmail.com; acarlos22sdj@gmail.com; tatiana.para@ifpa.edu.br; roberta.coelho@ifpa.edu.br

### **Eixo temático: Educação Formal em Agroecologia**

**Resumo:** Este trabalho relata a experiência de educando em agronomia em uma propriedade agrícola no “Sítio Baixão” situada no município de Medicilândia-Pa. A vivência citada neste trabalho teve duração de dez dias, consistindo no acolhimento dos estagiários na residência dos agricultores (as) de maneira a inseri-los no meio rural e acompanhar as rotinas diárias da família de agricultores. Durante o estágio buscou-se melhor compreender a relação do agricultor familiar e suas terras, assim como as inter-relações com o meio biofísico inserido. Para isso foram utilizadas ferramentas metodológicas. Os principais resultados alcançados foram que a vivência de estágio possui fortalezas que jamais o educando foi capaz de perceber sozinho antes de sua realização, bem como os ensinamentos que obteve na vida pessoal e profissional, e que o saber popular dos agricultores transmitidos na vivência foi um importante mecanismo para este processo.

**Palavras-Chave:** vivência de estágio; agricultura familiar; experiência profissional.

**Keywords:** experience of internship; family farming; professional experience.

### **Contexto**

O curso de agronomia nas universidades tradicionais permanece com uma visão mecanicista, em que no seu desenho curricular e o planejamento pedagógico não dialogam com a realidade do campo e distancia o estudante da realidade da agricultura familiar. E isso tem tido impacto na formação dos estudantes de engenharia agrônoma, pois há pouco, ou nenhum contato com o agricultor e com espaço rural que eles vivem, dificultando o seu entendimento sobre os diversos agroecossistemas e sua relação com os sujeitos do campo.

Na maioria das universidades brasileiras não possuem estruturas na instituição, para apresentar aos estudantes de agronomia à similaridade real do campo com práticas desenvolvidas na própria instituição de ensino. Além de tecnologias prontas como universidades, que ofertam o curso sem estruturas mínimas, e sem poder ofertar aulas práticas, distanciando os estudantes cada vez mais do meio rural onde irá atuar. Muitas dessas tecnologias não condizem e não dialogam com a realidade do agricultor além de não ver o mesmo como protagonistas do processo de produção de alimentos.



Por falta da vivência dos estudantes de agronomia no espaço rural e da troca de saberes gerado nesse espaço, a extensão rural tem tido dificuldades na atuação, pois os técnicos levam informações prontas e de forma autoritária, formulando diagnósticos agrônômicos dispensando o saber popular do agricultor que não é oposto, mas apenas distinto daquele que é gerado no espaço acadêmico (CASALINHO & CUNHA, 2016).

O estágio passou a existir no Brasil a partir de 1930 com os avanços da industrialização do país, sob a rubrica de “trabalhos escolares”, as primeiras regulamentações foram o decreto nº 20.294 de 12 de agosto de 1931, as leis orgânicas de ensino industrial (DL 4.073/1942) e comercial (DL 6141/1943), e desde então tinha como alvo principal a complementação da aprendizagem, porém, não havia com efeito uma legislação expressiva a respeito do tema (PINTO, *et al.*, 2014). Ainda de acordo com o autor só a partir do decreto nº 66.546 de maio de 1970 no qual veio para estabelecer a integração e à implementação de programa de estágios práticos, para estudantes do sistema de ensino superior o mesmo, tendo como finalidade de promover aos estudantes de engenharia, tecnologia e economia a oportunidade de pôr em prática nas instituições públicas ou privadas o desempenho de suas atividades sob suas diferentes áreas de atuação.

O estágio de vivência surge onde os universitários aprendem com a sociedade sobre seus valores e cultura de forma que não os viole, havendo uma troca de saberes entre a universidade e o meio. Essa é uma forma que possibilita a participação efetiva da comunidade na atuação da universidade e dos conhecimentos produzidos (SILVA, 1997). No âmbito nacional existem dois exemplos bem sucedidos de estágio de vivência: O Estágio de Vivência no SUS (Ver-Sus), que é composto por estudantes e secretarias de saúde e o Estágio Interdisciplinar de Vivência (EIV) que é realizado por estudantes organizados em executivas de curso e grupos organizados, em parceria com os movimentos do campo (KRETSCHMER, 2013).

Assim, o estágio interdisciplinar de vivência (EIV) é de grande importância para os estudantes de agronomia na sua formação uma vez que os põem em situação de campo semelhante com as quais os agricultores estão acostumados. Nesse contexto, o EIV, proporciona aos discentes de agronomia uma experiência pautada na vivência e na experiência vividas no estabelecimento agrícola, fazendo com que estes, melhor entendam a realidade do campo e da agricultura familiar.

O curso de agronomia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará-Campus Castanhal (IFPA-Castanhal) dentro do seu desenho curricular permite ao estudante ter contato com o meio rural através do (EIV). No desenho curricular do curso o estágio está dividido em 3 (três) eixos. O primeiro eixo é relação homem e meio biofísico amazônico. Nesse primeiro estágio o estudante tem um primeiro contato com o agricultor, o que leva o estudante a reflexão e questionamentos da vida e das dificuldades vivenciadas pelo agricultor no campo. O 2º EIV com eixo é relação de trabalho e sistema de produção e o 3º estágio tem como eixo Meio Sócio econômico e Desenvolvimento Agrícola Sustentável.



Neste contexto os estágios garantem aos futuros profissionais das ciências agrárias a aplicar conhecimentos técnico-científicos adquiridos ao longo da sua formação aliado com o conhecimento popular dos agricultores familiares.

A experiência apresentada nesse trabalho refere-se à vivência em uma propriedade na transamazônica no estado do Pará, como ferramenta pedagógica de formação do engenheiro agrônomo.

### **Descrição da Experiência**

A experiência de estágio interdisciplinar foi realizada no estabelecimento agrícola chamado “Sitio Baixão” localizado na Agrovila de Nova Esperança km 80 norte, no município de Medicilândia-Pa. O estabelecimento rural pertence à dona Maria Concebida, 84 anos de idade. Essa vivência ocorreu dentro da disciplina estágio de vivência I- meio biofísico e homem. A disciplina ocorreu em 3 (três) etapas. A primeira etapa consistiu na apresentação da disciplina e sua importância para os estudantes da agronomia. A segunda etapa foi a oficina de construção das ferramentas metodológicas. E terceira etapa foi a vivência propriamente dita que aconteceu durante 10 dias.

Anteriormente a vivência de estágio, os estudantes tivemos um encontro com o arcebispo da prelazia do Xingu Dom Erwin Krautler, no centro de formação Bethânia no município de Altamira, onde fomos recebidos para um momento de discursão e esclarecimentos sobre os aspectos sociais e ambientais da região sudoeste paraense. O processo histórico de ocupação da região de acordo com o arcebispo é travado pela disputa das terras da união em que a grilagem de terras ainda é praticada. Quando não são expulsos, acabam perdendo suas vidas e arrancadas junto com eles suas culturas e tradições, onde a violência é o cenário de massacre aos povos da Amazônia.

Ainda de acordo com o arcebispo as terras não pertencem aos grandes fazendeiros e posseiros, mas à união no qual os agricultores e indígenas tem o direito sobre elas de produzir sua agricultura e sobreviverem da pesca e da caça retirando e produzindo alimentos para subsistência da própria natureza e por isso a pastoral da terra, movimento social da igreja católica tem lutado por esta causa, pelos menos favorecidos.

Diante da vivência foi possível acompanhar as rotinas diárias da família, como a ida aos finais de semana as celebrações da igreja e os trabalhos desempenhados na propriedade, como atividades agrícolas nos cultivos de cacau, e o trabalho contínuo com agropecuária e a piscicultura. A rotina da família é intensa, levantam cedo, iniciam os afazeres domésticos e do campo. Acompanhar a dinâmica da família e sua rotina foi importante passo para me familiarizar com o ambiente.



A família é constituída por 5 (cinco) pessoas, a viúva dona Maria Concebida, seu filho chamado Miguel, que tem como esposa Claudia e seus dois netos João Miguel e Miguel Arcanjo. A família chegou à região da transamazônica por volta do ano de 1970, a princípio veio somente o patriarca da família esposo da dona Concebida para a região, a procura de terras para produzir.

Após comprar as terras, o esposo da dona Concebida retornou ao Estado do Ceará, para buscá-la, grávida do seu primeiro filho, desde então, se iniciava um novo ciclo na construção de uma nova vida da família, no contexto família e agricultura camponesa no estado do Pará.

Na vivência observou-se também os aspectos produtivos. A propriedade cultiva cacau e tivemos a oportunidade de aprender a classificação das amêndoas do vegetal em função de sua comercialização para produção de chocolate. Foi observado o processo de produção de cacau como: coleta dos frutos, fermentação, secagem e armazenamento.

A família relatou a satisfação de o seu sistema produtivo ter passado por um processo de transição agroecológica. Migrando de um modelo de agricultura moderna, com a utilização de produtos químicos nos cultivos, para uma agricultura orgânica, um método mais saudável na produção de alimentos e mais sustentável ao manejo dos agroecossistemas.

## **Resultados**

O EIV na unidade produtiva familiar proporcionou uma maior ação e contato entre o estudante e o agricultor com objetivo de troca de conhecimentos, sem que houvesse nenhum tipo de intervenção. Foi um momento onde se pode aprender que o conhecimento empírico se equipara ao científico, uma vez que, a vivência possibilita a conhecer, compreender as potencialidades e fragilidades dos agricultores.

Após a experiência vivenciada com a família de agricultores e os ensinamentos obtidos, despertou-me inúmeros questionamentos e reflexões sobre o espaço rural.

A falta de expectativa em relação ao processo de vivência que o estágio poderia trazer para minha formação e experiência não bem-sucedida no nordeste paraense me colocou em uma situação de descredito com o curso, com o estágio e com a profissão. Contrariamente, essa vivência proporcionou-me a experiência de compreender a agricultura familiar nas suas diferentes especificidades, no entanto com práticas agrícolas comuns, mas o mais importante é como o agricultor aplica os saberes e conhecimentos em seus diferentes agroecossistemas amazônicos. O estágio mostrou-me uma nova visão sobre o estágio de vivência e sua importância para a formação do profissional de ciências agrárias.

Nesse sentido, a agroecologia como ciência possibilita a discursão de experiências de campo como vivenciada na transamazônica, permitindo a valorização da



realidade e saberes do agricultor como estratégia de fortalecimento da agricultura familiar e também com ressignificação do meu processo de formação enquanto estudante de agronomia, uma ciência ainda dura. E a comunicação oral foi uma ferramenta muito importante nesse processo para o diálogo de saberes gerados nesses espaços e da disseminação desses conhecimentos socializados e vivenciados.

Assim, a vivência me permitiu compreender melhor e conhecer experiências de vida, promovendo diálogos entre as realidades locais vivenciadas pela família de agricultores, criando formas e paradigmas de comunicação, permitindo a reflexão sobre o papel da nossa comunicação na construção dos territórios onde vivemos e atuamos. Desse modo, a prática da construção dos conhecimentos gerados nesse espaço através da “comunicação produzida pelo povo e para o povo” foi muito importante para minha formação e experiência de campo vivenciada juntamente com a família de agricultores, uma vez que a agroecologia contribui enriquecidamente no alcance de novos conhecimentos entre estudantes e agricultores.

Após a vivência de estágio, o mesmo apresentou-me na sua originalidade, sua importância enquanto metodologia de ensino e aprendizagem como forma de melhor aliar os diversos ensinamentos adquiridos no meio acadêmico com os conhecimentos do agricultor, através deste, pude compreender que o saber local do agricultor familiar tem potencial singular na construção do perfil profissional do engenheiro agrônomo, tal qual a maneira com que irei me relacionar com espaço rural e o agricultor, trocar conhecimentos obtidos ao longo da academia, de diversas práticas de manejo agrícola a se aplicar em diferentes agroecossistemas.

Assim ouvindo o agricultor, entendendo seu multiculturalismo e numa abordagem sistêmica construir junto do produtor um novo modelo de agricultura camponesa, com menos fragilidade e maior sucessão na produção de alimentos e uso de melhores técnicas sustentáveis para o campo.

O estágio trouxe-me mudanças de mentalidade sobre o campo e o agricultor, de como os dois não são figuras isoladas do sistema, mas que estão interligados em que o segundo possui relação estreita com a terra e o meio biofísico, numa relação homem e espaço no qual o próprio agricultor se enxerga inserido nesse meio, não somente pela produção de alimentos, mas pela capacidade de transformar seus diferentes agroecossistemas em excedente para o consumo próprio e também para outras famílias.

Os ensinamentos obtidos no estágio trouxeram-me mudanças significativas no processo formativo, desde conhecer melhor as atividades agrícolas desenvolvidas durante a vivência, como também compreender a agricultura familiar nas suas diversas peculiaridades. E que para minha formação a consumação do estágio de vivência, foi muito mais do que cumprir as exigências acadêmicas, ele foi uma oportunidade para o meu crescimento pessoal e profissional.



Por fim, a vivência foi uma experiência única que jamais a comunidade acadêmica seria capaz de oferecer sozinha e que os ensinamentos adquiridos com os agricultores foi um momento singular no processo de formação, permitindo melhor compreensão e reflexão sobre o espaço rural e as realidades e dificuldades presenciadas por esses sujeitos no campo.

### **Referências bibliográficas**

CASALINHO, Helvio Debli; CUNHA, Maria Isabel. Práticas interdisciplinares no ensino de agronomia: a metodologia de projetos em ação. **Cadernos de Educação**, n. 54, 2016.

PINTO, Marlla Emanuella Barreto. Considerações acerca da legislação de estágio no Brasil, 2014.

*SILVA, O. O que é extensão universitária.* Integração: ensino, pesquisa e extensão. São Paulo, v. 3, n. 9, p. 148-9, maio 1997.

KRETSCHMER, C., A.; Rodrigues, G., O.; Martins, R., V. **Estágio Interdisciplinar de Vivência**; uma experiência na realidade rural brasileira. Relatos de Experiências: Mídia e Tecnologia na Educação do II Encontro de Educomunicação da Região Sul. Ijuí/RS. 2013.